

## **GRAFITOS DE BANHEIRO: UM RECORTE DA UFRN E AS RELAÇÕES COM EDUCAÇÃO SEXUAL E DE GÊNERO**

João Sol Ávila Mendonça <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A complexidade da sexualidade humana permite o seu estudo por diversos aspectos: biológicos, psíquicos e culturais.

Os banheiros públicos têm como funcionalidade inicial o atendimento às necessidades de defecação e excreção de urina, podendo incluir outros cuidados relativos à higiene. Porém, culturalmente os banheiros vão para muito além do fisiológico. É um espaço que abrange as interações sociais e, por muitas vezes, a linguagem sexual explícita em pichações nas portas, paredes etc. A essas pichações, refere-se o termo “grafito de banheiro” ou “escrita latrinária”.

Os grafitos encontrados nos diversos banheiros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus Central, despertaram em sua riqueza de informações uma inquietação científica. Observou-se grande quantidade de textos carregados de agressividade nos banheiros masculinos e afetividade nos banheiros femininos.

Assim, a pesquisa buscou, para tanto, registrar e sistematizar categoricamente os grafitos, de modo a verificar a tendência dos conteúdos, estabelecendo as devidas relações com a área da educação sexual.

Para isso, foram realizados registros fotográficos dos grafitos encontrados nos banheiros dos Setores II e IV da UFRN, os quais foram categorizados de modo a possibilitar uma percepção dos diversos sentidos envolvidos na expressão de uma concepção de sexualidade. Em tudo, mostrou-se importante que o tema deve ser considerado na educação sexual.

### **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada a partir da coleta dos escritos nos banheiros masculinos e femininos do Setor II – referente ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), e do Setor IV - Centro de Tecnologia (CT) da UFRN. Banheiros “unissex” foram

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [jaoavilamendonca@gmail.com](mailto:jaoavilamendonca@gmail.com);

desconsiderados. A escolha dos dois setores buscou estabelecer relações não somente entre os gêneros, como também entre os frequentadores dos banheiros das duas áreas de conhecimento de fácil distinção. Foram utilizadas câmeras fotográficas para os registros, no período de abril de 2019.

O público analisado provém das mais diversas camadas sociais e inclui não somente os estudantes, como também professores, técnicos, terceirizados e público externo. Avaliou-se somente as inscrições verbais, ignorando-se desenhos e símbolos de gangues.

Para análise do material coletado, recorreu-se à pesquisa bibliográfica de outros estudos acerca dos grafitos de banheiro e de pesquisadores da educação sexual no Brasil. Foram registrados 301 grafitos de banheiro, separados por setor, gênero e discurso. A separação dos discursos seguiu as seguintes categorias: **Presença:** inscrições com nomes próprios, ou registros de passagem da pessoa no local; **Religião:** grafitos que contêm mensagens religiosas ou referências a personagens de qualquer religião; **Preconceito:** inscrições cujo foco é expressar algum tipo de preconceito; **Insulto:** grafitos com agressividade dirigida a alguém ou algum grupo; **Política:** grafitos relacionados a candidatos políticos ou questões políticas como empoderamento negro e LGBT, comunismo/liberalismo; **Romantismo:** declaração de sentimentos amorosos relacionados a alguém; **Drogas:** grafitos referentes a drogas ou ao uso de drogas; **Música:** inscrições sobre artistas do meio musical ou letras de música; **Escatológico:** grafitos sobre excrementos corporais; **Filosofia:** grafitos reflexivos; correções gramaticais a erros de outros grafitos; **Curso:** inscrições que caracterizem ou mencionem algum curso universitário; **Higiene:** grafitos referentes a cuidados de higiene com os corpos ou com o ambiente do banheiro; **Ativismo animal:** inscrições que remetem ao vegetarianismo e veganismo; **Depressão:** mensagens relacionadas ao estado depressivo; **Sexualidade:** grafitos com foco em órgãos sexuais, questões de gênero, relação sexual e/ou orientação sexual; **Outros:** tudo aquilo que não se enquadra nas categorias definidas anteriormente.

Pelo fato de **Sexualidade** se tratar de um assunto muito amplo e frequente nas inscrições (90 das 301) houve 10 subdivisões; são elas: **órgãos sexuais** (para fins da pesquisa, considera-se vulva, pênis e ânus), **sexo homossexual pejorativo**, **sexo heterossexual pejorativo**, **sexo homossexual**, **sexo heterossexual** (o sexo abranje o sexo oral, vaginal e anal em todas as categorias), **sexo sem distinção de gênero**, **anúncio sexual**, **empoderamento sexual**, **empoderamento bissexual** e **empoderamento feminino**.

## **DESENVOLVIMENTO**

A sexualidade humana é compreendida como um tema de bastante complexidade. Para Nunes (2005), a sexualidade deve ser considerada em seus aspectos biológico-reprodutivos (aparelhos reprodutores) e psicossociais (diferenças socioculturais do feminino e do masculino)

Nesse contexto, a sexualidade pode se exprimir de diversas maneiras: gestual, comportamental, oral, escrita e artística. Os grafitos estão localizados entre o escrito e o artístico.

Segundo Maingueneau (2010), existe entre o erotismo e o pornográfico uma linha bastante tênue. Ele define o pornográfico como algo que objetiva a total visibilidade do ato sexual, com um certo desdém pelos sentimentos, enquanto o erótico “floreia” e romantiza o sexo, sem ser o gozo seu principal fim.

Apesar de serem muitas vezes ignorados ou vistos com desprezo, “[...] longe de serem meros atos de vandalismo, os grafitos são, na verdade, modos expressivos para articular questões sociais e políticas, adotados por grupos aos quais foram negadas outras vias de expressão pessoal” (TEIXEIRA, OTTA, 1998, p. 231).

E os banheiros são espaços destinados à proteção da privacidade que, por isso mesmo, limitam as formas de expressão que são possíveis e, ao mesmo tempo, tornam-se um local resguardado para a manifestação de quem não encontra outro espaço no qual expor seus pensamentos, ideias e emoções.

A educação sexual e de gênero é uma possibilidade de dar abertura ao entendimento de nossa complexidade. Quanto mais cedo, de forma planejada e adequada entramos em contato com esses assuntos, maior a chance de prevenção de diversos problemas sociais relacionados ao tema.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As primeiras relações que podem ser estabelecidas referem-se à quantidade de escritas latrinárias: 68% das inscrições provêm dos banheiros do setor II. Quando se trata da divisão por gênero, o resultado pende para o feminino com 56% dos grafitos, apesar da realidade do Setor IV mostrar que os homens ultrapassam as mulheres, sendo 56,25% das mensagens providas dos banheiros masculinos. Em uma visão geral, temos 42% do total nos banheiros

femininos do Setor II, 26% nos masculinos do Setor II, 18% nos masculinos do Setor IV e 14% nos femininos do Setor IV.

Com os dados citados, é notável que o público a frequentar banheiros do setor de aulas de ciências humanas demonstra preferência por essa maneira de expressão em detrimento daqueles que frequentam o setor de aulas de ciências exatas, muito provavelmente pela maior familiaridade dos primeiros com a linguagem escrita.

Armstrong (1995) explica que o psicólogo estadunidense Howard Gardner, pesquisador que desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas, defende a ideia de que possuímos diversos tipos de inteligência (aptidões para resolver problemas e criar produtos), dentre elas estão a linguística e a lógico-matemática. Por questões de afinidade, é de se esperar que pessoas com a inteligência linguística mais desenvolvida tendam a preferir cursos voltados à área de humanas, assim como a escrita como forma de expressão.

Em uma perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento humano, temos que as relações que nos são culturalmente colocadas com os objetos têm afetação direta em nossa formação psíquica (MARQUES; CARVALHO, 2014). Segundo o último Resumo Técnico do Censo da Educação Superior (BRASIL, 2016), a matrícula de mulheres nos cursos da área de ciências exatas e tecnológicas é de número bastante inferior à de homens. Para a socióloga Elisa Reis, isso se deve ao contexto cultural de nosso país, que não estimula as mulheres a seguirem esse ramo (CAPUTO, 2019). É provável que por esse fator tenhamos uma discrepância tão grande na quantidade de grafitos nos banheiros femininos dos dois setores, pela falta de mulheres no Setor IV. Seguindo o viés da psicologia socio-histórica, também é possível a análise de que as mulheres do Setor II sejam as responsáveis por quase metade dos textos: a ideia socialmente difundida de que se expressar é característico do feminino, enquanto o masculino retém suas emoções.

A pesquisa revelou que, nos banheiros femininos do Setor IV, os temas encontrados com maior frequência nos 42 grafitos foram: política (9/42), empoderamento feminino (7/42) e filosofia (6/42). Nos banheiros masculinos do mesmo setor, com 53 grafitos, as temáticas giravam em torno de política (11/53), coito homossexual pejorativo (5/53) e anúncio sexual (5/53). Enquanto isso, a realidade do Setor II era de 128 grafitos nos banheiros femininos, dos quais 24 tratavam de filosofia, 18 de empoderamento sexual, e 16 de política; e 78 nos masculinos, com 15 grafitos relacionados a política, 15 de anúncio sexual e 10 de música. Para fins de aprofundamento, nos ateremos a tais pontos.

Os escritos latrinários em análise não podem ser enquadrados como eróticos, por se tratarem de textos altamente explícitos e com ausência da poética. Entrariam, então, no campo do pornográfico. O obsceno prevê, para além do desejo, a maliciosidade coletiva. Pode-se observar isso nos grafitos deixados nos banheiros: a pichação em ambiente público é uma forma de expressão que viola a lei, e tratando-se de conteúdos permeados por tabus, o ato se torna ainda mais transgressor e, conseqüentemente, prazeroso.

É interessante ressaltar que o anúncio sexual foi tema frequente entre os homens, enquanto nos banheiros femininos foi nulo. Os anúncios, com uma exceção (“Como buceta [número de telefone]”), sempre se referiam a relações homossexuais (Ex.: “Que ser chupado? Deixa o whats”) e muitas vezes requeriam o sigilo (Ex.: “So malhados [número de telefone] Sigilo”), apesar de muitos dos comentários políticos e insultos incluírem a homossexualidade de forma pejorativa (Ex: “Bolsonaro dá o cu!”), dificultando inclusive a classificação dos grafitos. A maioria dos textos, independentemente da temática principal, incluía a menção a órgãos sexuais, tanto em banheiros femininos quanto em masculinos.

As escritas latrinárias de empoderamento, encontradas 38 vezes em banheiros femininos, só foram vistas em 2 unidades nos banheiros masculinos, ambas no Setor II.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo com toda a discussão que vem sendo estimulada pelas mídias acerca o respeito ao diferente, foi perceptível a perpetuação de discursos de ódio. O anonimato da esfera do banheiro permite que o indivíduo se expresse abertamente (TEIXEIRA; OTTA, 1998). Logo, agressões, insinuações sexuais e qualquer outro tipo de mensagem são veiculados com frequência no espaço do banheiro. Inclusive, muitos dos grafitos de empoderamento vinham como resposta a textos mais agressivos (e vice-versa).

A hipótese de uma discrepância entre a homofobia nos banheiros dos dois gêneros foi contestada: aproximadamente 2% dos grafitos femininos eram homofóbicos, comparados a 5% dos grafitos masculinos. Porém, confirmou-se que as mulheres, especialmente as do Setor II, têm mais abertura para o debate da sexualidade de forma construtiva, não podendo ser afirmada a relação desse debate com o baixo número de mensagens homofóbicas. O pedido pelo sigilo nos anúncios sexuais são, muito provavelmente, atrelados à homofobia, representando uma situação de risco para os enunciadores.

Segundo a Constituição Federal, em seu 5º artigo, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (BRSAIL, 1988). Se desejarmos alcançar a igualdade proposta em nossa Carta Magna, é importante propiciar o debate acerca de gênero e sexualidade de forma organizada, tendo em vista que em 13 de junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal determinou que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero é criminosa (BARIFOUSE, 2019).

Considerando a ideia de que o ambiente escolar auxilia na preparação do indivíduo para a vida em sociedade, devemos ter em mente não mais uma simples discussão anatômico-fisiológica do corpo, mas concebendo-o em suas dimensões psicológicas e sociais também (DINIS; LUZ, 2007), para que possamos ter uma plena formação humana que ultrapassa o “ler, escrever e contar”.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências Múltiplas na sala de aula**. 2. ed. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995;

BARIFOUSE, Rafael. **STF aprova a criminalização da homofobia**. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>>. Acesso em: 14 jul. 2019

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988;

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico do Censo da Educação Superior**. Brasília: INEP, 2016.

CAPUTO, Manuella. **Por que as meninas não querem fazer ciências exatas?** Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2019/03/08/por-que-as-meninas-nao-querem-fazer-ciencias-exatas/>>. Acesso em: 14 jul. 2019;

DAMIAO, Natália Ferreira; TEIXEIRA, Renata Plaza. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer?. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-10, ago. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672009000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 jul. 2019;

DINIS, Nilson; LUZ, Araci Asinelli. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, n. 30, p.77-87, 2007;

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010;

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Vivência e afetação na sala de aula: um diálogo entre Vigostki e Espinosa. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 41-50, jan./jun. 2014. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/822&ved=2ahUKewiDIZeXyeLhAhWJKLkGHQftDrAQFjAAegQIBxAC&usg=AOvVaw3Ue6Gt\\_-Hl4KBQLUTbNYuJ](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/822&ved=2ahUKewiDIZeXyeLhAhWJKLkGHQftDrAQFjAAegQIBxAC&usg=AOvVaw3Ue6Gt_-Hl4KBQLUTbNYuJ)>. Acesso em: 13 abr. 2019;

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005;

TEIXEIRA, Renata Plaza; OTTA, Emma. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 3, n. 2, p. 229-250, Dez. 1998.